

## **Mulheres em *Versus*: a participação feminina nas lutas políticas durante a ditadura militar no Brasil pelas páginas da imprensa<sup>1</sup>**

Ana Luiza Bertelli DIMBARRE<sup>2</sup>  
Karina Janz WOITOWICZ<sup>3</sup>  
Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR

### **RESUMO**

Esta pesquisa visa apresentar os primeiros resultados obtidos da análise da participação das mulheres nas 24 edições do tabloide cultural e independente *Versus*<sup>4</sup> (1975-1977). O estudo do espaço ocupado pelas mulheres na imprensa alternativa se faz necessário, visto o silenciamento em torno da militância feminina no período da ditadura militar. “Praticamente todos os trabalhos que falam da ditadura militar no Brasil são escritos por homens e falam dos homens. De repente, tem um capítulo pequeno, uma nota de rodapé, que cita uma mulher e faz uma concessão, mas, em geral, não há isso” (RAGO, 2011). Dessa forma, pretende-se gerar novas narrativas, entendendo o espaço das mulheres enquanto sujeitos de luta política na ditadura militar (1964-1985), sobretudo na década de 1970, ano em que o jornal é lançado. A apresentação histórica do *Versus*, a seguir, se constitui como ponto de partida para a pesquisa, uma vez que é preciso compreender as relações entre cultura e política nas páginas do veículo. Publicado pela primeira vez em São Paulo no ano de 1975, *Versus* tinha como principal objetivo denunciar a opressão na América Latina e pautar a resistência promovida por grupos e movimentos sociais durante a ditadura. Como se auto referenciavam por meio do slogan presente nas capas do tabloide, um “jornal de reportagens, ideias e culturas”, o jornal buscava trazer conteúdos voltados ao jornalismo, utilizando de metáforas e narrativas que abordavam a cultura como uma ‘ação política’. Ao longo de seu período de existência, mais de 24 edições foram publicadas, com uma média de 50 a 60 páginas por exemplar e uma periodicidade bimestral. Idealizado pelo jornalista Marcos Faerman, o *Versus* “sem ser submetido à censura prévia, foi, a seu modo, uma síntese do jornalismo de resistência; adotou a cultura de resistência como manifesto estético na mesma

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na IJ 01 - Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

<sup>2</sup>Graduanda em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista de iniciação científica PIBIC/Fundação Araucária no grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação no curso de Jornalismo da UEPG. [aluludim@gmail.com](mailto:aluludim@gmail.com).

<sup>3</sup>Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Jornalismo e Mestrado em Jornalismo da UEPG. Bolsista produtividade de pesquisa CNPq. [karinajw@gmail.com](mailto:karinajw@gmail.com).

<sup>4</sup>Acervo digital disponível em: <http://www.marcosfaerman.jor.br/versus.html>

tradição do teatro de resistência e do cinema de resistência” (KUCINSKI, 1991, p. 130). Assim como outros jornais da imprensa alternativa, *Versus* é fruto de trabalho colaborativo, sem recursos financeiros. As impressões dos exemplares ocorriam em uma gráfica localizada em Pinheiros, bairro da capital paulista, que já imprimia outros tabloides independentes. Em meados do segundo semestre de 1977, *Versus* tem um grande salto nas vendas, chegando a mais de 35 mil exemplares por jornal (KUCINSKI, 1991). A partir da 17ª edição, o tabloide torna-se um veículo partidário, visto ter sido apropriado pelo Partido Socialista dos Trabalhadores (PST). “Houve a tomada de controle dos rumos do periódico por um grupo de militantes organizados que viam no jornal uma possibilidade de instrumento de luta política” (LOZADO, 2020, p. 24). Na 24ª edição, um ano antes do fim do veículo, Faerman deixa de fazer parte do grupo que integra a *Versus*, momento em que perde o controle editorial do tabloide para o PST. Em outubro de 1979, é publicada a última edição do jornal, de número 34. “Versus morreu para tornar-se um novo mito: o do assassinato cultural” (KUCINSKI, 1991, p. 141). Para essa contextualização, leituras que contribuíssem ao entendimento do cenário jornalístico independente da época foram necessárias, e dentre elas estão *Jornalistas e Revolucionários* (KUCINSKI, 1991), livro que traz um capítulo sobre o jornal, intitulado de “Versus: A Política como Metáfora”, e *Mobilização Jornalística nos anos 70: a Imprensa Alternativa como Movimento Social* (MORAES, 2014). Além disso, leituras voltadas à presença feminina nas redações foram primordiais para a construção dos primeiros passos da pesquisa. Desse modo, os materiais acessados são *Mulheres no Jornalismo* (SANTOS, TEMER, 2018), *O Afro Latina América que vive em mim* (PEREIRA, 2015) e *Marcos Faerman e o Nós Mulheres* (MORENO, 2015). E, por fim, *Mulheres e Intelectuais em Versus (1975-77)* (LOZADO, 2020), que figura como base importante para um dos propósitos da presente pesquisa: saber o espaço e a participação das figuras femininas por meio das publicações de textos no jornal. Após essa primeira etapa bibliográfica, iniciou-se o levantamento de dados junto ao acervo do jornal, com o propósito de identificar os participantes que constam nas edições e, assim, saber quais eram as mulheres que integravam a produção do *Versus*. Em uma tabela no Excel, todos os nomes foram separados por fileiras, relacionando-os com as colunas, onde eram demarcados os números dos tabloides e as funções que exerciam em cada edição do jornal. Esses nomes encontram-se presentes no expediente localizado na página dois dos

24 exemplares, com exceção da primeira edição que está na página 16 e da segunda que se encontra na página 06. Na sequência, os nomes de todas as mulheres que aparecem no jornal foram indicados com cores, a fim de facilitar a visualização dos mesmos. Com esse levantamento, chegou-se ao resultado de que durante as 24 edições do jornal, cerca de 293 pessoas passaram pelo tabloide. Desse total, apenas 73 são mulheres, o que corresponde a praticamente  $\frac{1}{4}$  do número de integrantes. Nenhuma delas participou de todas as edições analisadas, sendo o máximo 22 exemplares. Além disso, observou-se também a variedade e rotatividade de funções existentes no tabloide, tais como diretor-responsável; editor; editor-assistente; administração; departamento jurídico; secretário de redação; conselheiro de redação; assinatura; revisão; publicidade; ilustração/arte; fotografia; repórter e colaborador. Ou seja, há um total de 14 funções envolvidas na organização do veículo, explicitadas no expediente de cada edição do jornal. Dessa divisão, são poucas as mulheres que assumem cargos maiores como editoras ou responsáveis pelo departamento jurídico, por exemplo. Em sua grande parte, estão dispostas como colaboradoras e ilustradoras. Apesar de contribuir como “instrumento de amplificação de conhecimentos dentro do grande centro urbano de São Paulo e, mais tarde, por outros espaços do país e da América Latina” (LOZADO, 2020, p. 71), *Versus* apresenta uma lacuna no que diz respeito à inserção e à participação das mulheres em sua redação. Elas apresentavam posições secundárias ao compararmos com os homens que integravam o jornal, uma vez que a hierarquia dos cargos da redação partia do pressuposto da divisão de gênero. Embora as mulheres tenham participado ativamente da resistência à ditadura e da imprensa alternativa - e que o feminismo, enquanto um movimento organizado em torno da luta por direitos, encontre espaço para tematizar suas causas nos jornais durante o período - as publicações por vezes recaíam em contradições e exclusões. Ao canalizar as disputas entre lutas gerais e específicas no interior dos movimentos de esquerda (WOITOWICZ, 2009), os jornais alternativos, a exemplo de *Versus*, tratavam de forma limitada a atuação das mulheres na ação política realizada por meio da imprensa. Desse modo, a pesquisa busca problematizar a presença e a representatividade das mulheres na imprensa alternativa, contribuindo para o conhecimento sobre aspectos da história do jornalismo sob a perspectiva de gênero.



**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; jornalismo cultural; imprensa alternativa; ditadura militar.

## REFERÊNCIAS

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Ed Página Aberta Ltda, 1991.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. As mulheres e a ditadura militar no Brasil. Entrevista com Margareth Rago, 2011. Disponível em: <<https://contramachismo.wordpress.com/2011/02/18/entrevista-com-margareth-rago-as-mulheres-e-a-ditadura-militar-no-brasil/>>.

LOZADO, Vitória Ferraz. **Mulheres e Intelectuais em Versus (1975-77)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020.

MORAES, Vaniucha. Mobilização Jornalística nos anos 70: a Imprensa Alternativa como Movimento Social. **Em Tese**, v. 11, n. 2, jul./dez. Florianópolis, 2014.

MORENO, Rachel. **Marcos Faerman e o Nós Mulheres**. 2015. Disponível em: <[http://marcosfaerman.s3-website-us-east-1.amazonaws.com/7\\_RachelMoreno.html](http://marcosfaerman.s3-website-us-east-1.amazonaws.com/7_RachelMoreno.html)>

PEREIRA, Neusa Maria. **O Afro Latina América que vive em mim**. 2015. Disponível em: <[http://marcosfaerman.s3-website-us-east-1.amazonaws.com/8\\_NeusaPereira.html](http://marcosfaerman.s3-website-us-east-1.amazonaws.com/8_NeusaPereira.html)>

SANTOS, Marli dos; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Mulheres no Jornalismo - Práticas Profissionais e Emancipação Social**. São Paulo: Ed Cásper Líbero, 2018.

WOITOWICZ, Karina Janz. “Lutas e vozes das mulheres na imprensa alternativa: a presença do feminismo nos jornais Opinião, Movimento e Repórter na década de 1970 no Brasil”. In: WOITOWICZ, Karina Janz (Org.). **Recortes da mídia alternativa**: histórias & memórias da comunicação no Brasil. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009. p. 31-48.